

Problema Ambiental

«A força ou a fraqueza de uma sociedade depende mais do nível da sua vida espiritual que do seu nível de industrialização. Nem uma economia de mercado nem até abundância geral constituem a façanha da vida humana. Se as energias espirituais de uma nação se esgotaram, não será salva do colapso pela mais perfeita estrutura de governo ou por qualquer desenvolvimento industrial. Uma árvore com um interior putrefacto não pode se sustentar.»

Aleksandr Solzhenitsyn

Capítulo 1: Catástrofe porquê!?

O aquecimento global condiciona maior atividade geológica na Terra, e nisto mais e mais perigosos terremotos e erupções vulcânicas, e assim maiores e mais frequentes catástrofes humanitárias, fortalecendo os fluxos migratórios.

Fenómenos climáticos extremos e súbitos multiplicam-se à volta do mundo, como tempestades relâmpago, mais fortes e mais frequentes pelo aquecimento global, pela falta de planeamento e de visão no desenvolvimento humano, pela corrupção e falta de preparação para os efeitos das alterações climáticas.

Pela opinião dos líderes locais e nacionais que respondem por estas crises, muito pouco pode de facto ser previsto e feito para mitigar estes desastres.

E assim se vão sucedendo cada vez mais frequentemente desastres naturais, enquanto as pessoas comuns e ignorantes, por entre mortos e feridos, levantam as mãos aos céus e perguntam porquê.

Capítulo 2: Toxicidade do ambiente

Há químicos tóxicos na água da chuva, os chamados químicos eternos, os PFAS.

E também há microplásticos nas nuvens, no ar que respiramos, na comida e água que bebemos, e dentro nos tecidos dos corpos humanos. A sua concentração no corpo humano está em acordo com a concentração que se vê no meio ambiente.

Estes diferentes produtos são tóxicos aos animais, incluindo o ser humano, e estão associados a toda uma variedade de malefícios, incluindo problemas na gestação de fetos.

Cada vez há mais compostos químicos sintéticos nos alimentos e líquidos que ingerimos, no ar que respiramos, nos dejetos que escoamos pelos esgotos e no lixo que falhamos em reciclar e tornar inofensivo.

Cada vez mais vivemos num mundo tóxico e forçamos os outros seres vivos a se adaptar a ele.

Capítulo 3: Desertificação crescente

A desertificação de Portugal continua, e o governo português pouco faz para procurar mitigá-la ou evitá-la.

Uma desertificação que destrói os solos e a sua fertilidade, tornando a terra infértil, afetando adversamente a produção agrícola e a natureza no país, mas que planos nacionais e regionais de preparação para os efeitos das alterações climáticas pouco parecem fazer de real para mitigar.

Capítulo 4: Desunião entre irmãos

“Particularmente a água que vem de Espanha para o Douro é para facilitar o armazenamento nas barragens portuguesas deste rio, e a navegabilidade do Douro e são poucas as utilizações agrícolas... Os agricultores espanhóis que têm as culturas instaladas ao longo do percurso do rio estão a passar mal por causa da seca, sendo legítimo que se manifestem para salvarem as suas culturas, mas há a Convenção de Albufeira e essa convenção tem lá qual é o regime de exceção para o não envio da água acordada.”

Povos irmãos se dividem, o ‘nós’ passa a ser o ‘tu’ e o ‘eu’, dilatando-se um fosso cognitivo, agravado pelo egoísmo dos povos, e dos seus indivíduos. A civilidade, o respeito, a cooperação, a fraternidade cedem lugar progressivamente ao interesse próprio em tempos de destruição e decadência imprevisíveis e cumulativos trazidas pelo aquecimento global.

Aqui se vê a inconsciência e a loucura de continuar a prosseguir um rumo insustentável na direção de um aquecimento global progressivo e de consequências

climáticas, ambientais, geológicas, civilizacionais, políticas e sociais impossíveis de prever, mas eventualmente devastadoras.

Capítulo 5: Erosão das cadeias de distribuição e retração regional: fragmentação global

Vivemos num mundo globalizado, onde os produtos que enchem as prateleiras dos mercados que frequentamos vêm muitas vezes do outro lado do mundo.

E com guerras, secas, catástrofes inesperadas e outros fenómenos ocorre uma escassez de produtos face à procura, que leva a uma retração dos produtores e dos países de origem, a uma diminuição da disponibilidade dos produtos e a uma inflação significativa dos custos associados à produção, distribuição e preços finais, desgastando e destruindo as cadeias de distribuição, as vendas e a sociedade.

E isto propaga-se pelas indústrias e para lá delas, transversalmente, afetando as empresas, diminuindo a produção e a disponibilidade das matérias-primas e dos bens, aumentando os preços numa inflação anormal, a impotência, a fome e o crime, conduzindo ao pânico e ao racionamento de bens críticos e à instabilidade social, nacional, mundial.

A economia global que construímos, dos mercados, é muito frágil e vulnerável a choques, como guerras, secas generalizadas, terremotos, vulcanismo - a todo o tipo de perturbações significativas – e assim também as nossas sociedades.

Na Bélgica queixaram-se publicamente disto com a guerra na Ucrânia. Cerca de quase dois terços das empresas em manufatura, comércio atacadista e construção tiveram a sua atividade significativamente afetada por uma guerra que se passa a 1.940 quilómetros de distância.

Capítulo 6: Migrações descontroladas

Os países ricos exploram e prejudicam os países pobres pelos seus interesses. Assistem pouco solidários para com problemas económicos, sociais (incluindo guerras e repressões) e ambientais (secas, inundações, sismos, vulcões, perda de território para o mar, etc.).

Até permitem a exploração da tragédia com o capitalismo de desastre, explorando as regiões e as pessoas extremamente vulneráveis.

E vêm na imigração dos mais pobres para as suas terras a solução para o abatimento dos indígenas, a sua baixa natalidade e o afrouxamento económico. Considera-se a imigração como a solução de, pelo menos, quase todos os problemas.

Mas são as pessoas ilustres ou bem colocadas em seus confortáveis gabinetes, nas suas torres de marfim, em países ricos ou mais alentados que vêm assim a realidade de forma distante e desafetada.

Não é o povo que vê isto, ao lidar com todos estes choques com impotência. Que vê um crescimento populacional sem aparente controlo e sente um crescente sentimento geral de insegurança.

E assim há como uma atitude calculada e fria, ao lidar com os problemas dos países pobres e das suas gentes sofrendo e morrendo miseravelmente. Não há ajuda significativa, não há esforço concertado em ajudar outros países mais carenciados a prosperar e a segurar os seus povos nas terras de que são originários. Há, essencialmente, uma indiferença profunda e um aproveitamento da miséria dos outros.

E países como Portugal apresentam menos entraves à imigração que outros países europeus, deixando a sua porta mais escancarada a estrangeiros, assistindo-se a uma imigração descontrolada, e a uma substituição da população local. Chegando a um em cada dez residentes em Portugal ser imigrante.

Capítulo 7: Aumento da agressividade natural

Com a destruição dos espaços naturais, dos ecossistemas, dos habitats e das cadeias alimentares, em parte levada pelo aquecimento global, noutra parte causada diretamente pelos seres humanos, na indústria da construção civil e na pecuária, na caça e pesca, mostrando uma ausência de respeito e preocupação pela natureza, os animais selvagens - em especial os carnívoros - têm passado a viver em maior contacto com os seres humanos.

Os ataques a seres humanos de animais carnívoros têm aumentado de forma sustentada desde 1950.

O declínio do gelo do Ártico tem levado a encontros mais frequentes entre ursos polares e seres humanos. Os ursos tem assistido ao seu terreno de caça no gelo diminuir, passando mais tempo em terra em proximidade aos seres humanos.

Na África subsaariana, as secas extremas têm sido associadas com ataques de animais carnívoros a gado.

Ao largo de Portugal, no Oceano Atlântico, as orcas ibéricas, que vivem no nordeste do Atlântico e estão em vias de extinção, restando apenas – acredita-se – 35, têm atacado embarcações com maior frequência, causando a destruição dos barcos e até morrendo no processo.

Orcas ibéricas adultas podem estar a ensinar os jovens, com o comportamento se espalhando para os jovens verticalmente e depois horizontalmente entre eles, porque eles consideram isso algo importante em suas vidas.

As orcas parecem perceber este comportamento agressivo como vantajoso, apesar do risco que correm ao bater em estruturas de barcos em movimento. Desde que as interações anormais começaram, quatro orcas pertencentes a uma sub-população que vive em águas ibéricas morreram, embora as suas mortes possam não estar diretamente relacionadas a encontros com barcos.

Especialistas suspeitam que uma orca fêmea que eles chamam de White Gladis sofreu um “momento crítico de agonia” – uma colisão com um barco ou aprisionamento durante a pesca ilegal – que virou um interruptor comportamental. “Essa orca traumatizada é que iniciou esse comportamento de contato físico com o barco”, de acordo com um investigador.

Quando animais são forçados a viver em proximidade a seres humanos, por não haver habitat suficiente ou por mudanças do clima, é quando o conflito é mais frequente.

Uma luta de vida e morte das diferentes espécies pela sobrevivência cada vez mais difícil, que não poupa a espécie humana, e que está a levar a uma natureza progressivamente mais agressiva e violenta.

Capítulo 8: Desesperadamente viciados em tecnologia

Entretanto nós, seres humanos, e em especial na sociedade ocidental, estamos cada vez mais desesperados, viciados em tecnologia, isolados, alienados, psicóticos.

Não tiramos os olhos dos telemóveis, das televisões e dos ecrãs dos computadores. Procuramos escapar nas redes sociais, nas apps, nos jogos, nos casinos, nas apostas.

Vemos em mais tecnologia a solução dos nossos problemas, mas, no entanto, nos recusamos a enfrentá-los e a procurar resolvê-los. Enredamo-nos cada vez mais numa bolha tecnológica, social e individual, e adoramos a Ciência, esperando que eventualmente, de algum modo nos dê a possibilidade de resolver os nossos

problemas de forma fácil e indolor. E entretanto nos vamos afundando coletiva e individualmente na vida.

«A inteligência artificial e os recentes progressos tecnológicos baseiam-se na ideia dum ser humano sem limites, cujas capacidades e possibilidades se poderiam alargar ao infinito graças à tecnologia. Assim, o paradigma tecnocrático alimenta-se monstruosamente de si próprio.»

Isto escreveu o Papa Francisco na *Laudate Deum*.

E com isto os nossos consumos energéticos crescem significativamente, o que nos leva a usar mais combustíveis fósseis, como o petróleo, o carvão ou o gás natural, por sua vez aumentando a poluição atmosférica, agravando o aquecimento global e a imprevisibilidade climática e geológica sob a qual fazemos a nossa vida.

E esta sofreguidão energética ameaça aumentar significativamente as exigências de energia elétrica da sociedade moderna e atrasa a transição definitiva para fontes renováveis de energia, contribuindo para um aumento da poluição do ar e aquecimento global.

Esta febre tecnocrática e do cientismo tem nos isolado dos outros, do mundo natural, e até nos tem oposto à natureza, fazendo nos esquecer que a nossa vida existe e é suportada necessariamente pela hospitalidade do planeta Terra.

Capítulo 9: Caminhando apática e cegamente para o abismo

Nós coletivamente temos vários problemas – alguns dos quais abordados aqui – e não parece que temos nenhuma solução funcional para qualquer um deles. Apenas temos um lento, confortável, confiante declínio na dissolução da nossa realidade social e natural.

Há uma conversa contínua e animada sobre “crescimento económico”, “competitividade”, “qualidade”, um contínuo apelo ao consumo e à natalidade, mas pouca energia para falar de aquecimento global, falta de água, desertificação, incêndios, destruição de áreas naturais, inflação, gentrificação e perda do poder de compra.

Quando a Terra se parece queixar de um consumo excessivo e imprudente, de um crescimento insustentável, os nossos líderes políticos, empresariais e sociais parecem querer mais! Como se vissem num aumento de consumo e da riqueza económica a solução para os nossos problemas existenciais.

Os nossos líderes políticos, empresariais e sociais falham-nos de forma crítica.

A única solução - se solução há - para a espiral altamente destrutiva em que nos encontramos, é a aproximação e a associação com os nossos semelhantes, procurando a sinergia dos nossos esforços, para objetivos comuns construtivos e para o respeito, para o amor um ao outro e à natureza, na procura de criar espaços verdadeiramente saudáveis e sustentáveis, para seres humanos e para a vida não humana.

Temos de dar valor às coisas que realmente têm valor. Relações sociais, terra, comida, seres humanos, natureza, outros seres vivos, ecossistemas, clima. Temos de dar valor à vida, em vez de o dar às nossas distrações, fugas psicológicas e comodismo, piorando progressivamente a nossa condição coletiva e individual.

Temos de deixar o individualismo e a procura exclusiva do benefício próprio, e em vez disso pensar socialmente, globalmente – pensar em nós com os outros, em todos.

Temos de trabalhar em consonância para lá das organizações sociais, regionais, das nações, dos blocos de nações, num movimento verdadeiramente humano e global – temos de agir como um só povo mundial. Temos de pôr de lado as nossas diferenças, e ver que aquilo que realmente nos une é muito mais do que o que nos separa.

Porque os nossos líderes nos falham terrivelmente.

A situação ambiental, política, económica e social mundial está em visível decadência e cada vez menos sustentável, e nada menos que um esforço verdadeiramente global e um sacrifício geral nos dará uma hipótese de um futuro melhor, que a destruição extensiva desta civilização que ajudámos a construir e das nossas vidas.

Porque não são os líderes políticos e empresariais que constroem a realidade mundial, são os povos que os suportam e lhes pagam os seus grandes luxos, desvarios e a sua corrupção moral e económica.

Capítulo 10: O futuro

Como será o próximo capítulo da história da Humanidade?